

## ***“My English classes”: as avaliações das aulas de inglês presentes nas vozes dos alunos e das alunas da escola***

**Palmyra Baroni Nunes**  
PUC-Rio/SME-RJ

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é tecer entendimentos sobre as avaliações dos alunos e das alunas, do quinto ano e sexto ano, sobre as aulas de inglês de uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro, em 2022 e 2023. Para isso, recorro ao viés teórico-investigativo-metodológico da Prática Exploratória (Miller, 2012), à Pesquisa nos/dos/com os cotidianos (Alves, 2015) e ao Sistema de Avaliação (Martin; White, 2005). Baseio minha análise no subsistema da Atitude, nas categorias semânticas do afeto e do julgamento, para entender os sentidos criados pelas avaliações nos textos escritos pelos alunos e pelas alunas sobre as aulas de inglês. A investigação aponta para entendimentos momentâneos de que, quando os alunos e as alunas refletem criticamente sobre suas vivências cotidianas, novos caminhos se abrem e novas oportunidades de aprendizagem são criadas para fortalecer a relação entre discentes e docentes.

**Palavras-chave:** Prática Exploratória. Cotidiano Escolar. Sistema de Avaliação

**Abstract:** The aim of this article is to build understandings about the evaluations of students, from the fifth and sixth grades, about the English classes of a public school in the city of Rio de Janeiro, in 2022 and 2023. For this, I resort to the theoretical-investigative-methodological aspects of Exploratory Practice (Miller, 2012), Research in/of/with everyday life (Alves, 2015) and the Evaluation System (Martin; White, 2005). I base my analysis on the Attitude subsystem, on the semantic categories of affection and judgment, to understand the meanings created by the evaluations in the texts written by the students about their English classes. The investigation points to momentary understandings that, when students critically reflect on their daily experiences, new paths open up and new learning opportunities are created to strengthen the relationship between students and teachers.

**Keywords:** Appraisal System. School Life. Exploratory Practice.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sala de aula é o meu local de atuação, no qual sou professora e pesquisadora. Então, para ser coerente e ética no exercício de ambas as funções, minha forma de fazer pesquisa tem sido “por meio do envolvimento dos seus participantes na rotina da sala de aula, bem como da sua reflexão sobre questões do cotidiano inerentes a tal ambiente” (Nóbrega; Griffo, 2021, p. 141). Por isso, é de meu interesse registrar o que acontece em meu cotidiano por meio de fotos, de vídeos, de diários de campo e de portfólios, que abrigam as produções dos discentes, realizadas diariamente, para tecer reflexões e para buscar entendimentos sobre como o espaço pedagógico é construído e é percebido por mim, por meus alunos e por minhas alunas, já que considero, todos nós, *praticantespensantes*<sup>1</sup> (Alves, 2015) da sala de aula.

Como a pesquisa é localizada sócio-histórica e culturalmente, a descrição do contexto dos participantes é de extrema importância. O contexto, no qual estamos, é de uma escola pública que atende estudantes do primeiro ao sexto ano do Ensino Fundamental e está localizada em Guaratiba, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. As turmas têm aulas de inglês uma vez por semana, que duram uma hora e quarenta minutos. Então, para que eu possa mergulhar nesse cotidiano (Alves, 2015) e entender o que vivenciamos, é necessário buscar formas de evidenciar as potencialidades, as agruras, os desafios, o que ensinamos e o que aprendemos em nosso dia a dia.

Assim sendo, procuro ancorar as reflexões e os entendimentos que teço no viés teórico-investigativo-metodológico da Prática Exploratória (Miller, 2012) por se tratar de uma proposta ético-inclusiva (Moraes Bezerra, 2012), em que professores e alunos são, ao mesmo tempo, agentes do processo de ensino-aprendizagem (Nunes, 2015) e praticantes da pesquisa. Além disso, a Prática Exploratória apresenta princípios que levam em consideração, “a criação de espaços discursivos e inclusividade no trabalho” (Miller, 2012, p.334).

Para criar espaços discursivos na sala de aula, proponho atividades em que meus alunos e minhas alunas possam avaliar nossas interações do dia a dia. Tais atividades têm por objetivo ampliar as vozes das crianças (Maciel, 2021), já que levo em consideração suas opiniões, pois acredito, como Allwright e Hanks (2009, p. 131), que “os alunos têm muito a dizer, e o que eles dizem é interessante”<sup>2</sup>.

Com isso, percebo que os estudantes “[questionam] o que eu já havia naturalizado, [estabelecem] relações que eu não havia imaginado” (Maciel, 2021, p.57) e, desse jeito, me

<sup>1</sup> Alves (2015) considera praticantespensantes do espaço pedagógico, todos os que dele fazem parte. Por isso, uso o termo, para me referir aos meus alunos, minhas alunas e a mim mesma.

<sup>2</sup> Do original: “They do have a lot to say, and what they say is interesting” (minha tradução).

auxiliam a aprofundar minha compreensão sobre a importância da dialogicidade entre educandos e educadora no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, alinho-me à bell hooks (2020, p.45), quando ela afirma que “a democracia prospera em ambientes onde (...) a liberdade de expressão e o desejo de dissentir são aceitos e incentivados”, ou seja, ao invés de deixar passarem despercebidas as opiniões dos alunos e das alunas, elas são incluídas nas avaliações que entretecemos no dia a dia, pois, minha preocupação não é apenas em cumprir o programa proposto, mas em trabalhar para que a sala de aula seja um ambiente em que as qualidades das vidas<sup>3</sup> (Maciel, 2021) de seus *praticantespensantes* sejam colocadas em primeiro lugar.

Para este trabalho, serão considerados os textos que trazem as avaliações das aulas de inglês, escritos por quatro estudantes, três meninas e um menino, com idades entre 10 e 12 anos, em uma atividade intitulada “My English classes”. Em outubro de 2022, quando a turma estava no quinto ano, realizamos a atividade pela primeira vez. Como continuei a trabalhar com a mesma turma em 2023, agora no sexto ano, decidi retomar a atividade para buscar entendimentos mais profundos sobre o que vivenciamos e para refletir sobre como estavam as qualidades de nossas vidas, isto é, a natureza das nossas vivências em sala de aula, alguns meses depois de realizada a primeira avaliação. Assim, em maio de 2023, a atividade foi feita novamente, com o objetivo de valorizar o processo que percorremos em nossas aulas e para mantermos um diálogo construtivo, no fortalecimento de nossas relações, já que, se eu desejo que a minha prática se beneficie deste trabalho, “ele precisa ser contínuo e duradouro” (Cunha, 2013, n.p.).

Em sala de aula, percebo, muitas vezes, que avaliar é uma maneira de exercer a vida naquele ambiente (Alves, 2015). Por isso, ao ler os textos dos alunos e das alunas, pude vislumbrar que suas reflexões sobre as aulas de inglês, feitas em dois momentos distintos, evidenciavam o que Alves (2015) descreve como a emissão de “juízos de valor” (p.105), em que as crianças destacam que “isto é melhor ou isto é pior; isto é assim, mas deveria ser assado; você quer desta maneira, mas eu prefiro daquela” (Alves, 2015, p.105).

Neste sentido, reconheço que as avaliações estão repletas de afetos e de julgamentos positivos e negativos com relação ao material que é usado, às atividades propostas e a algumas das minhas atitudes em sala de aula. Por causa disso, os caminhos teórico-metodológicos que traço estão centrados nos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994; Halliday; Matthiesen, 2014), com foco no Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), para

<sup>3</sup> É ‘qualidade’ enquanto ‘natureza’, no sentido daquilo que compõe as vivências do grupo, ou de membros do grupo, em determinado momento de sua trajetória e que lhes desperta vontade de maiores entendimentos.

construir entendimentos sobre o processo de ensino-aprendizagem que está sendo criado em nosso cotidiano, levando em consideração todos os participantes da sala de aula. Além disso, alinho-me à Prática Exploratória (Miller, 2012) e à Pesquisa nos/dos/com os cotidianos (Alves, 2015) por valorizarem a integração dos fazeres do dia a dia, que incluem as avaliações tecidas por alunos, por alunas e por mim mesma. Por me alinhar a uma perspectiva autoetnográfica (Ellis; Bochner, 2000), teço reflexões, juntamente com os estudantes, sobre as idiossincrasias do nosso contexto e nossas questões locais de maneira crítica. Dessa forma, entendo que as avaliações feitas pelos meus alunos são construções que fazem parte do contexto em que estão.

Nas seções seguintes, traço os caminhos teórico-metodológicos, as reflexões sobre os dados gerados e os entendimentos momentâneos, mas não conclusivos, aos quais cheguei, por meio dessa investigação.

## CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O dia a dia da minha sala de aula é marcado por acontecimentos que evidenciam as complexidades vividas por meus alunos, por minhas alunas e por mim. Isto porque tenho aprendido a “[aguçar] meus sentidos (...) me pondo a construir ou a perceber questões-exploratórias” (Maciel, 2021, p.117) que atravessam as minhas aulas. Tais questões me levam a crer que “tudo o que acontece é importante” (Garcia; Oliveira, 2015, p.27), já que, para mim, o cotidiano escolar é espaço de reflexão e de ação. Então, para que as vozes que compõem esse dia a dia se sobressaíam, é necessário o desenvolvimento de uma escuta-atenta-reflexiva, que me leve a “dar visibilidade e a valorizar as produções cotidianas” (Garcia; Oliveira, 2015, p.26) por meio de atividades que, além de fortalecerem a criticidade dos estudantes, possam cooperar para que eu respeite suas múltiplas opiniões, pois estas exteriorizam afetos e julgamentos positivos ou negativos com relação ao que construímos em nosso fazer diário, uma vez que as tristezas e as alegrias vivenciadas em sala de aula estão materializadas em seus discursos e suscitam outros caminhos a serem percorridos.

Dessa maneira, opto por uma investigação qualitativa-interpretativista (Guba; Lincoln, 1996), pois busco gerar entendimentos sobre as qualidades das vidas em minha sala de aula (Maciel, 2021). Entrelaço essa escolha com o viés teórico-metodológico presente na Prática Exploratória (Miller, 2012) e na Pesquisa nos/dos/com os cotidianos (Alves, 2015), que me levam a refletir que não apenas eu, como também meus alunos e minhas alunas, podemos avaliar o que fazemos diariamente, pois acredito que, “(...) conhecendo os alunos por meio do

diálogo, os professores obtêm informações importantes sobre como basear suas aulas nas necessidades dos alunos”<sup>4</sup> (Barcelos; Coelho, 2016, p.132).

Segundo Miller (2012, p. 323), “a Prática Exploratória reinventa a vida em sala de aula”, pois trata de questões locais e situadas, baseadas no que acontece em nosso dia a dia. Por isso, alinho-me a Allwright e à Bailey (1991) por acreditar que minhas aulas são coproduções e não apenas fruto do meu planejamento, já que são enriquecidas por ideias fomentadas por diálogos que acontecem entre mim, meus alunos e minhas alunas, no espaço pedagógico. Além disso, para a Prática Exploratória, o que tecemos diariamente pode e deve ser investigado, pois, a partir de questões locais, podemos chegar a elucubrações que ressignificam os papéis de docente e de discentes, contribuindo para um ambiente mais colaborativo e, dessa forma, mais profícuo. A Prática Exploratória é, portanto, uma forma solidária de pesquisar e de viver a vida em sala de aula, em que a agentividade de todos os participantes é reconhecida. Vejo que, por estar integrada ao dia a dia da sala de aula e por considerar os envolvidos neste cotidiano seus praticantes, a Prática Exploratória se aproxima da Pesquisa nos/dos/com os cotidianos. Por causa disso, proponho, para esta investigação, um entrelace entre a Prática Exploratória e a Pesquisa nos/dos/com os cotidianos.

Os estudos nos/dos/com os cotidianos indicam que as singularidades do que acontece em meu dia a dia levam a entendimentos sobre quem são meus alunos, minhas alunas e eu mesma, e sobre o tipo de ambiente que estamos criando em nossa sala de aula. Dessa forma, o desenvolvimento desse modo de pesquisa aponta para a desconstrução do olhar demeritório que, muitas vezes, é lançado sobre o dia a dia no contexto escolar, que sugere que este é um local onde não há reflexão sobre os modos de pensar e agir de seus praticantes, invisibilizando práticas que contribuem para “fazer com que o trabalho para o entendimento e a integração seja contínuo” (Miller, 2008, p. 147).

Entendo que, ao sugerir o entrelace entre a Prática Exploratória e a Pesquisa nos/dos/com os cotidianos, contribuo para valorizar as construções feitas pelos praticantes da sala de aula em seu dia a dia. No entanto, acredito que as potencialidades do cotidiano não virão prontas, pois é preciso o desenvolvimento de um olhar exploratório que realce o que há nas vozes dos seus *praticantespensantes*. Por causa disso, proponho atividades crítico-reflexivas, que, além de me ajudarem a captar o que há em meu cotidiano, dão visibilidade aos nossos fazeres diários (Alves, 2015).

---

<sup>4</sup> Do original: “...in getting to know their students through dialogue, teachers gain important information on how to base their lessons on students’ needs” (Minha tradução).

Como dito anteriormente, considero que as aulas de inglês são coproduções feitas por todos os que estão na sala de aula. Então, procurando “agir para compreender” (Cunha, 2013, n.p.), mais do que agir para buscar soluções, é que, em outubro de 2022, sugeri que os alunos e as alunas, então pertencentes à turma 1501, escrevessem uma avaliação sobre as aulas até aquele momento. Pude perceber nos textos a presença de avaliações positivas e negativas com relação à apostila<sup>5</sup> que estava sendo usada nas aulas, às atividades que realizamos e ao meu comportamento. Com base nesta atividade, levantei a questão, “quem é mesmo que avalia?” (Alves, 2015, p.104) e pude perceber que meus alunos e minhas alunas também são capazes de avaliar o que vivem e o que sentem em sala de aula e de expressar suas opiniões, de forma crítica, acerca daquilo que traz satisfação ou causa incômodo em nosso dia a dia. Suas avaliações inspiram outros caminhos possíveis de serem seguidos em nossa trajetória diária.

Com base nas opiniões dos discentes presentes nos textos escritos em 2022, ressignifiquei algumas práticas e comportamentos, pensando em melhorar as qualidades de nossas vidas. Por causa disso, no final do primeiro bimestre de 2023 (mês de maio), propus uma nova avaliação sobre as aulas de inglês para a mesma turma - agora no sexto ano -, pois, segundo Allwright (2015, p.29), “uma vez que a vida em sala de aula é um processo contínuo, mas em constante mudança, trabalhar para entendê-la também precisa ser um processo contínuo, totalmente integrado ao ensino e aprendizado de todos os dias”<sup>6</sup>. Ao comparar os textos de 4 estudantes – 3 meninas e 1 menino – escritos em 2022 e 2023, pude compreender que as avaliações tecidas diziam muito sobre o que vivenciamos em nosso dia a dia e iam além da dicotomia “gostei/não gostei”.

Alinho-me a Griffô, quando afirma que “a linguagem permeia as relações dentro da sala de aula e em todos os espaços da escola” (Griffô, 2019, p. 17), já que percebo que aquilo que os estudantes dizem e/ou escrevem estão carregados de avaliações que trazem afetos e julgamentos positivos ou negativos sobre o espaço pedagógico e seus participantes. Conforme anunciam Allwright e Bailey (1991, p.18), “os alunos trazem com eles sua experiência de aprendizagem e de vida para a sala de aula”<sup>7</sup>, então, ao considerar suas opiniões, contribuo para

<sup>5</sup> A apostila é idealizada e fornecida pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Do original: “Since classroom life is a continuous, but continuously changing process, so working for understanding it also needs to be a continuous process, fully integrated into everybody's everyday learning and teaching lives” (Minha tradução)

<sup>7</sup> Do original: “The learners bring with them their whole experience of learning and of life in classrooms”. (Minha tradução)



que eles possam “pensar com intensidade e compartilhar ideias de forma intensa e aberta” (hooks, 2020, p. 36) sobre a vida que acontece no espaço pedagógico, de forma crítica.

Com a perspectiva de buscar entendimentos sobre os discursos dos alunos e das alunas a respeito de como avaliam o que construímos em nossas aulas, é que fundamento minha análise na proposta sociossemiótica da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994; Halliday; Mathiessen, 2014), visto que, “o texto, na Linguística Sistêmico-Funcional, é visto tanto como manifestação concreta do sistema linguístico, quanto como lugar de produção de sentidos” (MEURER; BALOCCO, 2009, p.4) e, por isso, na Linguística Sistêmico-Funcional, há a “adoção de posicionamentos mais realistas” (Vian Jr, 2013, p.125) em relação à verificação das percepções dos participantes da investigação. Ademais, conforme propõe Gouveia (2009, p.14), a Linguística Sistêmico-Funcional pode ser compreendida como uma “teoria geral de funcionamento da linguagem humana”, que auxilia na compreensão das escolhas léxico-gramaticais que meus alunos e minhas alunas fizeram ao escreverem sobre as aulas de inglês, donde concluo que “a linguagem é um recurso para fazer e trocar significados” (Fuzer; Cabral, 2009, p.21).

Dessa forma, as escolhas linguísticas presentes nos textos dos estudantes não são feitas de forma aleatória, já que percebo, como Vian Jr. (2009, p.100), que “a maneira como o produtor de um texto oral ou escrito se posiciona em relação ao seu leitor ou a seu interlocutor e a forma como julga o mundo concebido no texto que produz traz à tona diferentes tipos de avaliação”. Logo, *o mundo concebido no qual estamos é a sala de aula, o produtor é o meu aluno e o leitor sou eu, a professora da turma, que procura entender o que acontece em nosso dia a dia no ambiente escolar.*

Enquanto que a avaliação está presente no texto escrito, o Sistema de Avaliatividade é parte integrante da Linguística Sistêmica Funcional. Segundo Vian Jr., a avaliatividade se refere “a todo potencial que a língua oferece para realizarmos significados avaliativos, ou seja, para expressarmos pontos de vista positivos ou negativos” (Vian Jr., 2009, p. 103). O Sistema de Avaliatividade é composto por três subsistemas, que são atitude, engajamento e gradação. De forma geral, o subsistema da atitude está relacionado com os sentimentos e reações emocionais, enquanto que o subsistema de engajamento se refere às vozes em relação a opiniões do discurso e, por último, o subsistema da gradação situa os fenômenos de acordo com a intensidade em que ocorrem (Thompson, 2014).

De acordo com Nunes e Cabral (2013, p.251), “a atitude abrange as categorias de afeto, julgamento e apreciação; o engajamento engloba enunciados monoglóssicos [que são asserções

que não permitem negociação] e heteroglössicos [que se referem a asserções que permitem negociação]; a gradação realiza-se mediante força e foco”. Os recursos utilizados pelo afeto, de acordo com Vian Jr. (2010), servem para expressar nossas emoções; no julgamento, os recursos servem para julgar o caráter de alguém e, na apreciação, os recursos utilizados atribuem valor às coisas. As avaliações que fazemos podem ser amplificadas por meio da gradação, isto ocorre quando aumentamos ou diminuimos o grau de nossas avaliações, assim como indicamos o envolvimento dos interlocutores em relação ao que está sendo avaliado, por meio de engajamento.

O presente trabalho preocupa-se com o subsistema da Atitude, no campo semântico do afeto e do julgamento. Além disso, percebi, em alguns textos, a presença de recursos de gradação, intensificando as avaliações tecidas pelos estudantes sobre as aulas. O afeto, de acordo com Almeida (2010), é responsável por realizar as emoções linguisticamente no discurso, abarcando sentimentos positivos ou negativos. Por causa disso, além de ser classificado como positivo e negativo, o afeto ainda engloba três tipos de emoções agrupadas em afeto de felicidade/infelicidade (envolvem sentimentos felizes ou tristes); segurança/insegurança (se referem à paz ou à ansiedade) e satisfação/insatisfação (envolvem sentimentos de alcance ou de frustração).

O julgamento se refere às normas de comportamento de como as pessoas devem ou não agir. O julgamento pode ser positivo ou negativo, de estima social ou de sanção social. Ao analisar os dados gerados, percebi a presença de julgamento de estima social, que envolve elogios ou críticas e pode estar no âmbito da normalidade, em que o comportamento pode ser considerado pouco usual, especial ou comum, e de capacidade, quando é considerado se o indivíduo é capaz ou competente. Por último, a gradação é um recurso utilizado para intensificar as emoções e os julgamentos, pois, “perpassa os demais subsistemas da Avaliatividade” (Nunes; Cabral, 2013, p.254), e está presente nas avaliações de afeto e o julgamento feitas pelos alunos e pelas alunas em seus textos.

Na próxima seção, passo a analisar os dados gerados nas aulas, usando o Sistema de Avaliatividade. Entreteço a minha análise com os pensamentos de Alves (2015), Garcia e Oliveira (2015) sobre o cotidiano escolar; Barcelos e Coelho (2016), sobre o afeto na sala de aula; Grupo da Prática Exploratória (2020), sobre questões que envolvem o material didático usado nas aulas de inglês; hooks (2020), sobre o contexto dos participantes da investigação; e Allwright e Bailey (2009), Maciel (2021) e Miller *et al* (2008), sobre os pressupostos da Prática Exploratória, a fim de buscar entendimentos mais profundos sobre as nossas vivências na



escola. Por fim, por questões éticas e para proteger a identidade dos participantes da pesquisa, troquei os nomes dos alunos por outros fictícios.

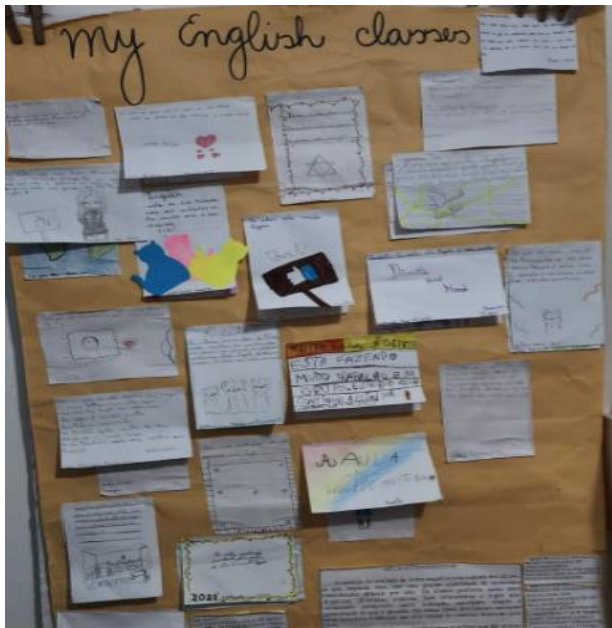
## ANÁLISE DOS DADOS

Um dos princípios da Prática Exploratória é o de priorizar as qualidades das vidas (Maciel, 2021) de todos os participantes envolvidos na sala de aula. Por isso, preocupada em compreender essa “complexidade, buscando captar saberes, valores, sentimentos e modos de interação” (Garcia; Oliviera, 2015, p.23), propus, em outubro de 2022, uma atividade para que os alunos e as alunas da turma 1501 avaliassem como as aulas de inglês estavam até aquele momento. Chamamos a atividade de “My English classes”.

Após a conclusão da atividade, os papéis com as respostas foram colados em um pôster, que penduramos em um dos varais da sala de inglês da escola. É importante relatar que encontrei novas oportunidades e outras formas para agir, a partir das reflexões sobre os textos produzidos pelos alunos e pelas alunas. A escrita desse trabalho acadêmico representa uma brecha para que eu possa registrar as experiências e tecer novos entendimentos do que vivemos e do que aprendi nesse percurso.

Como Miller *et al* (2008), percebo a sala de aula como “um local para o exercício de todos na reflexão, nas tomadas de decisão, na exploração de mundos, na criação e negociação de significados, no pensar crítico e reflexivo” (p. 157), por causa disso, decidi realizar comparar, nesta investigação, os textos que quatro alunos da turma escreveram (3 meninas e 1 menino) sobre as aulas de inglês em 2022, com o que escreveram em 2023, com o objetivo de prosseguir no trabalho para entender. O mesmo pôster foi usado e os textos, referentes às avaliações das aulas de 2023, foram colados sobre os anteriores, como representa a imagem 1.

Imagem 1 – Pôster com os textos dos estudantes escritos em 2022 e 2023.



Fonte: Arquivo pessoal

Para melhor organizar a análise, os textos escritos pelo mesmo estudante estarão lado a lado, com referências ao ano em que foram escritos e a sua turma.

Texto 1

Aluna Leila -1501	Aluna Leila -1601
Ano de 2022	Ano de 2023
As aulas de inglês são muito legais. Só não gosto da apostila, mas tirando a apostila as aulas são muito boas, e eu sempre aprendo um pouco de inglês. Mas a cada dia eu aprendo mais, por isso, amo as aulas de inglês.	Eu amo as aulas, mas, às vezes, eu não entendo. Mas eu gosto. A tia Palmyra é legal. Nota 7,5/10,0.

O texto escrito por Leila em 2022 evidencia um afeto de satisfação com relação às aulas, quando ela diz *As aulas de inglês são muito legais*. Esse afeto positivo é intensificado pelo item lexical *muito*, que é um elemento de alta gradação. No entanto, a apostila usada nas aulas é avaliada negativamente e de forma explícita em *Só não gosto da apostila*. O item *Só* reforça o afeto negativo de insatisfação com relação a este material, pois atribui maior intensidade ao fato de que a apostila é a única parte da aula que ela diz não gostar. A aluna continua construindo sua avaliação de afeto de insatisfação com relação à apostila em *mas tirando a apostila as aulas*

*são muito boas*. A insatisfação da aluna com relação ao material sugere uma crítica ao modo de como a apostila estava sendo usada nas aulas e também aos assuntos trazidos pelo material. Além disso, considero que este seja um julgamento negativo de estima social da minha capacidade, como professora da turma, de usar a apostila de forma mais dinâmica e envolvente. Apesar de tecer um afeto de insatisfação com relação à apostila, a aluna faz um julgamento positivo da sua capacidade de aprender, intensificado pelo uso de *sempre em eu sempre aprendo um pouco de inglês*. Por ser bem-sucedida na aprendizagem, ela encerra dizendo *amo as aulas de inglês*, interligando as dimensões cognitivas e afetivas da aprendizagem (Miller *et al.*, 2008) nas aulas de inglês.

Já na avaliação das aulas realizada em 2023, a aluna não fez menção ao uso da apostila, apesar de o material continuar a ser usado na sala de aula. Posso dizer que ressignifiquei o uso do material, tornando as atividades mais dinâmicas e criativas, após perceber, nos comentários de outros estudantes, algumas demonstrações de afeto de insatisfação com relação à apostila.

Apesar disso, a aluna fez um julgamento negativo de estima social de sua capacidade, ao afirmar que *Eu amo as aulas, mas, às vezes, eu não entendo. Mas eu gosto*. Junto a esse julgamento negativo de sua capacidade, a aluna evidencia o afeto de satisfação com relação às aulas, pois, embora tenha dificuldades, ela ainda gosta da matéria. A construção da aluna pode parecer paradoxal, já que, na maioria das vezes, quando não entendemos algo, não gostamos. Entretanto, percebo no dia a dia da sala de aula que os alunos apesar de gostarem de certas disciplinas, podem ter dificuldades em compreender alguns assuntos. Leila ainda atribuiu uma nota às aulas *Nota 7,5/10,0*. Já que no dia a dia os estudantes recebem uma nota quando são avaliados, a aluna reproduziu esta prática ao avaliar as aulas de inglês, pois, de acordo com Alves (2015, p.105), “as práticas cotidianas vão permitindo a acumulação e a criação de conhecimentos sobre avaliação”. No final de seu texto, Leila diz que *A tia Palmyra é legal*, atribuindo um afeto de satisfação e um julgamento positivo de estima social de capacidade, com relação ao meu comportamento como professora da turma.

Com as avaliações tecidas por Leila em 2022, entendo que “é preciso apurar os sentidos para perceber o significado oculto presente naquilo que nos costumava parecer ordinário” (Maciel, 2021, p.55) e que, por ser realizado diariamente, se torna repetitivo. Leila me fez refletir sobre o uso do material didático, já que este parecia “não estar em sintonia com o que está ocorrendo em sala” (Grupo Da Prática Exploratória, 2020, p.39) e estar causando grande afeto de insatisfação em sua avaliação. Ao tornar as atividades da apostila mais dinâmicas e criativas, envolvendo mais os estudantes em sua elaboração, pude perceber que, não só Leila,

mas outros discentes que estavam insatisfeitos com a apostila em 2022, não fizeram menção ao uso do material em 2023, apesar de este ser o material que ainda é usado nas aulas.

#### Texto 2

Aluna Maria -1501	Aluna Maria -1601
Ano de 2022	Ano de 2023
Razoável, porque eu não gosto muito de inglês, mas adoro a tia.	A aula da tia Palmyra é uma das melhores. Eu gosto muito dela e das atividades.

A aluna Maria, em 2022, avaliou a aula de inglês como *Razoável* e justifica sua opinião, dizendo *porque eu não gosto muito de inglês*. As escolhas lexicais de Maria apontam para a construção de um afeto de insatisfação com relação à disciplina. No entanto, ela tece, como Leila, uma avaliação de afeto de satisfação com relação a mim, quando escreve *mas adoro a tia*, conferindo força a este sentimento com o uso do item lexical *adoro*. A avaliação de Maria me faz refletir sobre o fato de que “ensinar é mais do que o domínio do conhecimento pedagógico do conteúdo e das habilidades”<sup>8</sup> (Barcelos; Coelho, 2016, p.133), é preciso, também, haver o cultivo de um bom relacionamento entre professora e aluna.

Ao comparar o que a aluna escreveu sobre as aulas quando estava no quinto ano com que ela escreve no ano de 2023, constato que Maria, alguns meses depois, enfatiza o afeto de satisfação sobre a aula de inglês, ao dizer *A aula da tia Palmyra é uma das melhores*. A aluna ainda inclui as atividades nesse afeto positivo e amplia sua satisfação por meio do item *muito*, ao afirmar *Eu gosto muito dela e das atividades*.

Posso constatar, a partir dos textos das alunas Leila e Maria, que o processo de ensino e aprendizagem não é algo estático. À medida que busco entendimentos sobre as situações que surgem, a vida na sala de aula vai sendo reinventada e, conseqüentemente, mudanças com relação a minha postura e a dos alunos e das alunas, vão acontecendo. As opiniões das alunas Leila e Maria fazem ecoar suas vozes sobre nosso compromisso diário em colocar as qualidades de nossas vidas em primeiro lugar na sala de aula.

#### Texto 3

Aluna Sol -1501	Aluna Sol-1601
Ano de 2022	Ano de 2023

<sup>8</sup> Do original: “Teaching is more than the mastery of pedagogical content knowledge and skills” (Minha tradução).

As aulas têm sido muito legais. Eu gosto de inglês. É só isso mesmo.	Perfeita! Eu estou amando. Já tivemos visitas só no começo. Imagina no final. A professora continua bem legal. Podemos pegar livros. Eu estou amando!
--	---

No início de sua avaliação das aulas em 2022, a aluna Sol tece afetos de satisfação com relação às aulas em *As aulas têm sido muito legais*, e esse afeto é ampliado pela presença da palavra *muito*. Sua satisfação com as aulas aparece de forma explícita e pode ser justificada quando ela declara *Eu gosto de inglês*. Ao encerrar seu texto com *É só isso mesmo*, o item lexical *só* reforça que ela não tem mais nenhuma avaliação a ser feita, nem com relação ao material que é usado, nem às atividades que são feitas.

O texto de 2023 traz várias manifestações explícitas de afeto de satisfação de alta gradação, como evidenciadas em *Perfeita!* e em *Eu estou amando*, que ela repete no final do texto. A aluna faz referência a algumas das práticas que aconteceram em 2023, que podem justificar sua satisfação com relação às aulas. A primeira alusão foi à visita de duas professoras de inglês de outra instituição à sala de inglês da escola. Essa visita parece ter criado expectativas positivas com relação ao ano letivo, quando a aluna escreve *Já tivemos visitas só no começo. Imagina no final*. Outra prática a que a aluna se refere para explicar sua avaliação positiva é a do cantinho da leitura que criamos na sala de aula, quando ela escreve *Podemos pegar livro*. Presumo que essas avaliações positivas se devam ao fato de que as práticas cotidianas que têm sido adotadas, como a visita das professoras de outra instituição e a possibilidade de pegar livros do cantinho da leitura, contribuam para aumentar as oportunidades de pertencimento da aluna ao espaço pedagógico. O afeto de satisfação é reforçado quando ela escreve que a *Professora continua bem legal*. Essa avaliação me ajuda a perceber o contexto por inteiro (hooks, 2020) e a entender que atitudes corriqueiras, como a criação de um espaço para que os alunos possam escolher livros para ler ou a possibilidade de haver a participação de outras professoras em nossas aulas, podem contribuir para a criação de um espaço pedagógico mais agradável.

Texto 4

Aluno Gabriel -1501	Aluno Gabriel-1601
Ano de 2022	Ano de 2023
Legalzinha.	Muito legal! A gente está fazendo muito trabalho em grupo. Espero que continue assim!

Os últimos textos que trago para esta análise são do aluno Gabriel. Em 2022, para o aluno, a aula era *Legalzinha*. Apesar de ser uma avaliação de afeto de satisfação, esta avaliação é enfraquecida pelo uso do sufixo *inha*. No entanto, a aula de inglês de 2023 é descrita como *Muito legal!*, o que expressa seu alto grau de satisfação pelas aulas. Ao escrever *A gente está fazendo muito trabalho em grupo*, entendo que, além de ser uma avaliação positiva sobre uma das atividades realizadas nas aulas, pode ser considerada a justificativa que o aluno usa para dizer que a aula é *Muito legal!* Gabriel termina seu texto expressando um desejo de forma explícita em *Espero que continue assim!*, isto é, que as aulas continuem a acontecer em um “ambiente de cooperação democrática” (Miller *et al*, 2008, p.157) que os trabalhos em grupo promovem.

Para descortinar as potencialidades presentes no cotidiano da minha sala de aula, é preciso desenvolver e praticar um fazer exploratório para “permitir que os aprendizes nos falem sobre suas experiências”<sup>9</sup> (Allwright; Bailey, 2009, p.131), para que outros caminhos sejam possíveis. Ao lançar um olhar crítico sobre atividades realizadas no dia a dia, “o que se pensava simples, repetitivo, estático e homogêneo se mostrou complexo, variado, em movimento e heterogêneo” (Alves, 2015, p.79). Acredito que a prática cotidiana pode ser ressignificada quando todos os *praticantespensantes* da sala de aula são envolvidos e somam esforços para questionarem o material que é utilizado, as aulas que são dadas e seus papéis no espaço que ocupam.

## ENTENDIMENTOS MOMENTÂNEOS

Ao propor, primeiramente em 2022, uma atividade para que os estudantes escrevessem sobre como estavam as aulas de inglês, pude perceber, em sua escrita, as avaliações de afeto e julgamento positivo e negativo que os alunos teceram sobre a apostila que usamos, sobre as atividades que desenvolvemos e sobre o meu comportamento como professora de inglês da turma. Senti que eles preferiam aulas mais dinâmicas e criativas, que promovessem maior interação entre os participantes. Então, após tecer alguns entendimentos sobre suas avaliações, passei a incluir algumas atividades, pensando em priorizar as qualidades das vidas dos participantes daquele ambiente. Com isso, começamos a realizar atividades em grupo durante as aulas, criamos um cantinho da leitura, para que os estudantes pudessem ler quando desejassem e recebemos visitas de outras professoras de inglês em nossa sala, que ministraram, comigo, uma das aulas de 2023. Além disso, apesar de continuarmos a usar a apostila como

---

<sup>9</sup> Do original: “to let learners tell us about their classroom experiences”. (Minha tradução)



material de apoio, as atividades foram tratadas de forma mais dinâmica e criativa. Por causa disso, as avaliações dos discentes, escritas no final do primeiro bimestre de 2023, foram mais positivas.

Compreendo que “ensinar exige saber escutar” (Freire, 1996, p.127) para “fazer com que o trabalho para entendimento e integração sejam contínuos”(Miller *et al*, 2008, p.158). Então, para investigar o dia a dia que vivo, entrelaço a Prática Exploratória com os estudos nos/dos/com os cotidianos, pois a Prática Exploratória ao integrar a investigação com o fazer pedagógico, permite que haja um melhor entender sobre o que acontece enquanto estamos vivendo nossas vidas na sala de aula, e os estudos nos/dos/com os cotidianos buscam “trabalhar os sentimentos, as vivências, as histórias, as narrativas dos praticantes” (Garcia; Oliveira, 2015, p.29).

Dessa forma, fundamento a análise dos textos escritos pelos estudantes na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, já que os textos escritos pelos alunos produzem sentidos e expressam desejos sobre as experiências vividas em sala de aula. Além disso, uso Sistema de Avaliatividade, com base nos subsistemas de atitude e gradação, para entender os sentidos construídos pelas avaliações feitas por meus alunos e minhas alunas, já que tanto afetos quanto julgamentos positivos e negativos, perpassados pela gradação, evidenciam que suas escolhas lexicais não acontecem de forma aleatória, mas estão impregnadas de avaliações que dizem muito sobre as qualidades das vidas dos participantes da sala de aula.

Por fim, considero o cotidiano escolar um local cheio de desafios e de possibilidades. Por essa razão, a investigação que realizo, a partir de como meus alunos e minhas alunas, meus parceiros e minhas parceiras no cotidiano escolar, percebem e avaliam nosso dia a dia, pode “desenvolver suas vozes para expressar suas próprias questões e buscar o aprofundamento de [nossos] entendimentos (...) no cotidiano escolar” (Miller, 2013, p. 121).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. S. D. P. Atitude: Afeto, Julgamento E Apreciação. In: VIAN JR., O. et al. **A Linguagem Da Avaliação Em Língua Portuguesa: Estudos Sistêmico-Funcionais Com Base No Sistema De Avaliatividade**. São Paulo, Pedro & João, P.99-112, 2010.

ALVES, N. Compassos E Descompassos Do Fazer Pedagógico. In: GARCIA, A.; OLIVEIRA, I. B. (Orgs.). **Nilda Alves: Praticantepensante** de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica, p.85-101, 2015.

ALVES, N. Decifrando O Pergaminho: Os Cotidianos Das Escolas Nas Lógicas Das Redes Cotidianas. In: GARCIA, A.; OLIVEIRA, I. B. (Orgs.). **Nilda Alves: Praticantepensante** de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica, p.133-151, 2015.

NUNES, Palmyra Baroni. “My English classes”: as avaliações das aulas de inglês presentes nas vozes dos alunos e das alunas da escola. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.33, jul. 2024.

ALVES, N. Eu Avalio, Tu Avalias, Ele (Ela) Avalia, Nós Avaliamos. *In*: GARCIA, A.; OLIVEIRA, I. B. (Orgs.). **Nilda Alves: Praticantepensante** de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica, p.103-120, 2015.

ALLWRIGHT, D. Putting ‘Understanding’ First In Practioner Research. *In*: DIKILITAS, K.; SMITH, R.; TRATMAN, W. **Teacher-Researchers In Action**. Iatefl . Faversham, Kent, United Kingdom: Iatefl. Isbn 9781901095715, 2015.

ALLWRIGHT, D.; BAILEY, K. **Focus on the language classroom**: An introduction to classroom research for language teachers. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

ALLWRIGHT, D.; HANKS, J. (eds.) **The developing language learner**: an introduction to exploratory practice. Hampshire, United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2009.

BARCELOS, A. M. F.; COELHO, H. S. H.. Language Learning and Teaching: What’s Love Got To Do With It?. **Positive Psychology in SLA**, edited by Peter D. MacIntyre, Tammy Gregersen and Sarah Mercer, Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2016, pp. 130-144.

CUNHA, M. I. A. **A Prática Exploratória na Clínica de Aprendizagem de Língua Inglesa**. Apresentado no 14o Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: Unicamp, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUZER, .C; CABRAL, S. Introdução. *In*: **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. São Paulo: Mercado de Letras, 2014.

GARCIA, A.; OLIVEIRA, I.B. Fazendopensando Práticasteorias Educativas Nos/Dos/Com Os Cotidianos. *In*: GARCIA, A.; OLIVEIRA, I.B. (Orgs.). **Nilda Alves: Praticantepensante** de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica, p.13-35, 2015.

GOUVEIA, C.A.M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, v. 16, n. 24, p. 13-47, 2009.

GRIFFO, M. R. A. **Praticante exploratórios aprendendo a viver juntos na escola**. 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2019.

GRUPO DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA. **Por que trabalhar para entender a vida em sala de aula?: histórias do grupo da Prática Exploratória**. Rio de Janeiro, digital, 2020.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2 nd ed. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; Mathiessen, C. **An Introduction to Functional Grammar**. 4 th ed. London, New York: Arnold, 2014.

hooks, b. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020.

NUNES, Palmyra Baroni. “My English classes”: as avaliações das aulas de inglês presentes nas vozes dos alunos e das alunas da escola. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.33, jul. 2024.

LINCOLN, Y.; GUBA, E. G. Controvérsias Paradigmáticas, Contradições E Confluências Emergentes. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O Planejamento Da Pesquisa Qualitativa**, 169-192. Porto Alegre, Artmed, 1996.

MACIEL, B. S. A. **Quando Todo Mundo Aprende Com Todo Mundo**: Nos Encontros, Oportunidades De Formação Mútua. Doutorado em Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2021.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The Language Of Evaluation**: Appraisal In English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MEURER, J. L.; BALOCCO, A. E. A Linguística Sistêmico-Funcional no Brasil: interfaces, agenda e desafios. **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

MILLER, I. K. A Prática Exploratória Na Educação De Professores De Línguas: Inserções Acadêmicas E Teorizações Híbridas. In: SILVA, K. A.; DANIEL, F. G.; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Org.) **A Educação De Professores De Línguas Na Contemporaneidade**: Novos Olhares. Campinas, SP: Pontes, p. 319-341, 2012.

MILLER, I. K. Formação De Professores De Línguas: Da Eficiência À Reflexão Crítica E Ética. In: MOITA LOPES, L.P. Da. (Org.) **Linguística Aplicada Na Modernidade Recente**: Festschrift Para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, p. 99-121, 2013.

MILLER, I.K. et al. Prática Exploratória: Questões E Desafios. In: GIL, G.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. **Educação de professores de línguas**: os desafios do formador. Campinas: Pontes Editores, p. 145-165, 2008.

MORAES BEZERRA, I.C.R. Prática Exploratória e a formação inicial do professor reflexivo: o que vai ficar para os alunos? In: **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, p. 59-76, 2012.

NÓBREGA, A. N.; GRIFFO, M. R. A. Um olhar da avaliatividade para a construção de crenças de um grupo de alunos sobre o professor de inglês. **Organon**, v. 36, n. 71, p. 140-157, jan./jun. 2021.

NUNES, D. F. C. Prática Exploratória e a criação de um ambiente agradável para o ensino de língua inglesa, In: **Revista Claraboia**, v.2 n.2, p- 177-191, 2015.

NUNES, G. G.; CABRAL, S. R. C. Avaliatividade e julgamento: uma análise de texto. **Nonada**, 20, p.250-265, 2013.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 3rd ed. London and New York: Routledge, 2014.

VIAN JR., O. Linguística Sistêmico-Funcional, Linguística Aplicada E Linguística Educacional. In: MOITA LOPES, L.P. **Linguística Aplicada Na Modernidade Recente**. São Paulo: Parábola, 2013.

VIAN JR., O. O Sistema de Avaliatividade e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciiação. **D.E.L.T.A.**, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.

## A AUTORA

**Palmyra Baroni Nunes:** Graduada em Letras (Inglês/Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), especialista em Língua Inglesa e em Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Atualmente, cursa o terceiro ano de Doutorado em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e atua em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro, onde leciona inglês para crianças do primeiro ao sexto ano do Ensino Fundamental e para alunos do PEJA (Programa de Educação para Jovens). Sou membro dos grupos de pesquisa da Prática Exploratória do Rio de Janeiro e do ASFAD (Capes/CNPq).

**E-mail:** palmyra.baroni@yahoo.com.br